

O segredo

Pseudônimo: A fumante | Autora: Débora Paschoal Lambiasi

Durante anos, ela foi especialista em se esconder. Não de bandidos, não da polícia, não de ninguém que pudesse lhe fazer mal. Escondia-se para fumar um cigarro. Frequentava um clube e conhecia lugares que pareciam ter sido feitos especialmente para alguém que precisasse desaparecer por alguns minutos.

Certa vez, encontrou o esconderijo perfeito. Ficou ali, de costas para um pequeno portão que dava para a rua, tranquila, mexendo no celular e fumando. Tinha certeza de que ninguém a encontraria. Até olhar para trás. Três seguranças estavam parados diante dela.

Por alguns segundos, teve a certeza de que havia sido descoberta. Talvez achassem que estava fazendo alguma coisa muito pior. Talvez pensassem que ela era uma ladra. Uma traficante. Qualquer coisa menos uma mulher escondida para fumar.

— O que você está fazendo aqui?

Ela, sem saber muito bem o que responder, apontou para o cigarro.

— Só estou fumando longe das pessoas.

Os três se entreolharam.

— Mas bem aí? Não pode.

Ela apagou o cigarro e foi embora. Era assim que vivia.

Tudo começou aos quinze anos, quando experimentou aquele negócio que tinha aprendido desde criança a considerar horrível, fedido e proibido. O gosto não era bom, mas havia alguma coisa curiosamente atraente naquele pequeno ritual de fazer justamente aquilo que não deveria.

Aos vinte, tentou novamente. Dessa vez aprendeu a tragar. E, quando percebeu, já não era mais curiosidade. Era companhia. Era uma pausa. Era uma desculpa para sair de uma fila, para interromper uma atividade chata, para ficar sozinha por alguns minutos.

O problema é que, com o passar dos anos, o cigarro deixou de ser apenas um hábito e virou um segredo. Ela não queria que sua família soubesse. Principalmente seu pai.

Então aprendeu a esconder o cheiro, o maço, o cinzeiro, as saídas rápidas, os lugares onde costumava fumar. Quando o pai ia à sua casa, ela tomava banho, escovava os dentes, limpava tudo e escondia qualquer vestígio.

Viajava com a família já pensando em como encontraria alguns minutos sozinha. No clube, sumia pelos cantos. Tinha quase quarenta anos e uma coleção de esconderijos.

O mais curioso é que, por fora, sua vida parecia caminhar justamente na direção oposta. Era psicóloga. Frequentava a academia. Emagreceu bastante. Dançava. Falava sobre hábitos saudáveis. Postava sua rotina nas redes sociais. Era admirada. E fumava.

Às vezes pensava que havia alguma coisa errada naquela combinação. Como se todas as pessoas estivessem olhando para uma versão saudável dela, enquanto ela conhecia uma outra versão, escondida atrás de uma árvore, esperando ninguém aparecer.

Com o tempo, quase todos ao seu redor pararam de fumar. Ela sentia inveja de quem conseguia parar, raiva de quem a abandonava naquele hábito e, principalmente, culpa por continuar.

Até que um dia ela também parou. Não foi fácil. Mas havia uma coisa que queria ainda mais do que deixar o cigarro: não precisar mais se esconder.

Depois de tantos anos imaginando o que aconteceria se seu pai descobrisse, finalmente contou. Antes de falar, imaginou todas as possibilidades. Ele poderia se decepcionar. Poderia julgá-la. Poderia passar a enxergá-la de outra maneira.

Ele apenas respondeu:

— Nossa, não sabia. Que bom que está conseguindo parar.

Dias antes, tinha contado a uma amiga. Também esperou o pior. A amiga olhou para ela e disse:

— Ah. Você fumava? E daí?

Foi então que percebeu uma coisa.

Durante anos, tinha atribuído ao cigarro uma sensação de liberdade. E passou anos se escondendo para poder senti-la. Talvez a liberdade nunca tivesse estado naquele cigarro.

Talvez estivesse simplesmente em não precisar mais procurar um esconderijo.